

UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO GRAMATICAL À LUZ DA SINTAXE DA ENUNCIÇÃO

Fabiola Nóbrega Silva

Universidade Federal da Paraíba – fabiolanobrega27@gmail.com

Ronilson Ferreira dos Santos

Faculdade UNINASSAU – ronybak@outlook.com

Resumo: O ensino brasileiro nas escolas, à luz de Nóbrega (2006), por muito tempo se respaldou essencialmente na Gramática Tradicional. Todavia, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por sua vez, trazem à tona a necessidade de o texto ser usado como o objeto de ensino da Língua Portuguesa. A aglutinação, processo de formação de palavras, ao longo da história foi concebida mediante os aspectos fonológicos e morfológicos. Na nossa visão, contemplá-la só através desses prismas resume algumas de suas características constitutivas. Desta sorte, o artigo proposto tem por objetivo geral apresentar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como uma nova abordagem de ensino gramatical à luz da enunciação. Para tanto, lançamos mão do construto teórico defendido por Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), além de pesquisadores do pensamento linguístico do Círculo de Bakhtin e de Maiesky (2005). A pesquisa aqui apresentada é teórico-analítica. Nosso *corpus* foi composto por duas reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 2013 a 2017 e pesquisadas no *site* <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Para este artigo, analisamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*. E, posteriormente, discorremos sobre a desaglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*. Na nossa concepção, esse conceito de (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva é de fato uma nova proposta de ensino gramatical, podendo ser praticada através de uma Proposta Didática com gêneros discursivos, dentre os quais, podemos citar a reportagem impressa. Essa discussão pode ocorrer com o propósito de desenvolver a competência comunicativa do aluno. Assim, serão trabalhados os elementos constitutivos dos gêneros discursivos, entre eles, o conteúdo temático, o estilo e os elementos composicionais, discutidos pelo aporte teórico bakhtiniano.

Palavras-chave: Ensino Gramatical, Transitividade Verbal, Sintaxe da Enunciação.

1 INTRODUÇÃO

Algumas vezes, é extremamente importante expor um fenômeno bem conhecido e aparentemente bem estudado a uma luz nova, reformulando-o como problema, isto é, iluminando novos aspectos dele através de uma série de questões bem orientadas. Isto é particularmente útil nos domínios em que a pesquisa desaba sob o peso de uma massa de descrições e de classificações meticulosas e detalhadas, mas destituídas de qualquer orientação. Uma problematização renovada pode colocar em evidência um caso aparentemente limitado e de interesse secundário como fenômeno cuja importância é fundamental para todo o campo de estudo.

(Mikhail Bakhtin)

A aglutinação, processo de formação de palavras, vem sendo concebida pela tradição através dos aspectos fonológicos e morfológicos. Na nossa concepção, contemplá-la apenas por esses vieses



resume sua potencialidade constitutiva. Assim, é proposto aqui um novo olhar sobre esse processo remetendo à sintaxe e aos aspectos dialógicos discursivos, à luz de Nóbrega-Silva (2016).

Pressupondo as considerações tecidas, este artigo tem por objetivo geral apresentar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como uma nova abordagem de ensino gramatical à luz da enunciação. Para tanto, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Caracterizar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como um fenômeno enunciativo;
- ✓ Analisar o sentido de um elemento linguístico (verbo) através de dois vieses: tema (sentido contextual) e significação linguística (sentido dicionarizado), associando à compreensão ativa;
- ✓ Discutir os fatores que proporcionam a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos selecionados para a análise.

Pelo exposto, observamos que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva não foi aludida como um processo estritamente estrutural, visto que foram consideradas também as dimensões semânticas e discursivas, as quais fazem parte do jogo interativo da linguagem. Nesse sentido, a enunciação é vista como o resultado da interação entre indivíduos organizados socialmente, conforme pontuam Bakhtin/Volochinov (1981).

Nosso trabalho surgiu de considerações precípuas no tocante à necessidade primária de observar a aglutinação sob outra ótica, tecidas em torno da língua por Dias¹ (2000). Pensando nisso, o referido professor elaborou, na época em que lecionava na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o projeto do PIBIC intitulado *Gramática do português*, o qual continha três partes específicas a serem pesquisadas, sendo uma delas intitulada *Gramática do português: a aglutinação e os limites do campo gramatical*. Este projeto foi desenvolvido por mim, na condição de bolsista. Nesta primeira etapa acadêmica, foram tecidas apenas considerações iniciais acerca da aglutinação sintático-discursiva. Na época, atribuímos esta nomenclatura ao fenômeno, visualizando apenas a possibilidade de esse fenômeno ocorrer em enunciados, sem a preocupação com a noção de gêneros discursivos; dialogia na linguagem; tema e significação linguística; ideologia; valoração etc. Nesta fase, a aglutinação sintático-discursiva foi pensada dialogando com outras discussões teóricas, entre elas, Ducrot (1987).

¹ Professor Dr. Luiz Francisco Dias, que atualmente leciona na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Em seguida, ao concluir nossas atividades no PIBIC, ansiamos por continuar desenvolvendo o trabalho por ocasião do curso de mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mediante a leitura da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, escrita por Bakhtin/Volochinov (1981), e da tese intitulada *Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em – mente*, de Ribeiro (2003), sobre o campo limítrofe entre o linguístico e o discurso, em relação à aglutinação sintático-discursiva, percebemos que era necessário mudar o foco teórico, no propósito de conferir a esse fenômeno um olhar mais específico. Por isso, ele foi visto à luz do construto teórico bakhtiniano, fato que não tinha sido, *a priori*, pensado no PIBIC. Isto possibilitou lançar à aglutinação um olhar reflexivo e gerar uma inquietude, segundo Nóbrega (2006, p. 11), conduzindo às seguintes reflexões:

Pode-se definir a aglutinação apenas a partir das perspectivas morfológica e fonológica? Uma definição pautada nesses dois campos não condiciona, em sala de aula, a observação da língua exclusivamente através da estrutura, fazendo com que o ensino do português trilhe este mesmo caminho?

Nesta fase, a preocupação era simplesmente observar a aglutinação (processo de formação de palavra) sob outra perspectiva, isto é, apresentar, segundo Bakhtin/Volochinov (1981), o conceito sobre a aglutinação sintático-discursiva, propondo um diálogo com o ensino da Língua Portuguesa. Assim, no curso de mestrado, concluído em 2006², os questionamentos levantados por Nóbrega (2006) foram respondidos, desenvolvendo tal conceito. Na tese de doutorado³, defendida por ela em 2015, portanto, ele foi atualizado. Dando continuidade ao nosso trabalho, o conceito de (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva será aplicado ao ensino gramatical, especificamente, à Transitividade Verbal.

2 METODOLOGIA

No que diz respeito à nossa pesquisa, podemos afirmar que ela é teórico-analítica, visto que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006) em sua dissertação de mestrado, produzida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No tocante ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontuamos que ela é descritiva, já que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva foi observada, registrada, analisada e interpretada. Por seu turno, também é explicativa, uma vez que foram identificados

² Esse curso de mestrado foi realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

³ Esse curso de doutorado foi realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).





fatores os quais possibilitam a ocorrência do fenômeno analisado. Já quanto à forma de abordagem, nosso trabalho é qualitativo, visto que existe o perfil descritivo, havendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade quanto à sua ocorrência. Por outro lado, nossos dados foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados.

Nosso *corpus* foi composto por duas reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 2013 a 2017 e pesquisadas no site <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Para este artigo, analisamos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*. E, posteriormente, discorreremos sobre a desaglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *chorar*.

3 UM NOVO OLHAR SOBRE A SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PERSPECTIVA BASEADA NA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A aglutinação⁴ sintático-semântico-discursiva refere-se, segundo Nóbrega-Silva (2006), ao imbricamento do complemento no núcleo verbal, aludido pela tradição como intransitivo, não existindo, no plano da sintaxe, a explicitação do objeto. Enquanto a desaglutinação sintático-semântico-discursiva diz respeito à materialização do complemento dos verbos em foco no plano da sintaxe, havendo a ocupação do objeto. Para a autora em evidência, este é um fenômeno enunciativo concebido através de um lugar, que pode aparecer materialmente no plano da sintaxe ou simplesmente não. Entretanto, é possível notá-lo no plano do enunciável, observando o diálogo entre interlocutores organizados socialmente. Desta feita, haverá, através da inter-relação entre estes dois planos, um saber de entremeio, respaldado no diálogo entre o linguístico e o discursivo, assim como pontuou Dias (2006).

A título de exemplificação, na reportagem intitulada *O caos depois do desastre*⁵, temos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* em (1):

Ex. (1)

Sob as trevas da noite o pavor aumenta. Os raros focos de luz são dos faróis de carros, dos postes de quartéis com geradores e das foqueiras... Assustadoras foqueiras alimentadas com escombros de corpos. [...] Um lugar de horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cahorros, lixo e o odor onipresente da gangrena [...]. (ESCOSTEGUY, 2010, p.73. Grifo nosso)

⁴ O termo aglutinação no artigo aqui materializado não foi usado como processo de formação de palavra, focando os campos fonológico e morfológico, como fazem a Gramática Tradicional, os Dicionários especializados (Linguística e Filologia) etc., a exemplo de Rocha Lima (2007), Camara (1968), Cunha (1970), Dubois (1973), entre outros.

⁵ ESCOSTEGUY, D. O caos depois do desastre. **Revista Veja**. São Paulo, 27 jan. 2010, p. 66-76.



Na reportagem *O caos depois do desastre*, o sujeito-enunciador aprecia negativamente a catástrofe que ocorreu no Haiti por causa do terremoto naquela época. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981), considerando o sentido completo da enunciação, observamos que, no ponto de vista deste enunciador, lá estava sendo vivenciada uma situação caótica. Muitos haitianos morreram e outros ficaram mutilados, sem comida, moradia, vestimentas etc. Vidas foram dissipadas, sonhos desfeitos e famílias totalmente desconstruídas.

Na visão de mundo do sujeito-enunciador, Porto Príncipe ficou destruída, enfrentando uma fase difícil: “[...] Um lugar de horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cahorros, lixo e o odor onipresente da gangrena⁶”, conforme podemos verificar no exemplo (1). Palavras como *horror*, *lixo*, *odor*, *gangrena* evidenciam os sentimentos e as emoções do enunciador frente à situação presenciada. A realidade retratada, por sua vez, passa a ser vista e valorada por ele como eminentemente negativa e destrutiva para os haitianos, já que as pessoas estavam em condições sub-humanas, restando-lhes esperar *a vez de morrer*. Nesse contexto, a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade autorizaram a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*, não havendo a ocupação do lugar do objeto (morte) no plano da sintaxe.

A nosso ver, desaglutinar o objeto *morte* no plano da sintaxe não contribui para que o sujeito-interlocutor possa compreender ativamente a palavra *morrer*, opondo uma contrapalavra. Assim como Bakhtin (2003) afirma ocorrer a compreensão ativa do sujeito.

Desta feita, na reportagem em discussão, vemos que a linguagem não está subjugada a um sistema imutável de regras, não obstante pressuponha uma forma. Segundo Volochinov (1930), as formas de linguagem são modificadas de acordo com a atuação de alguns fatores, entre eles: a interação verbal e o sistema linguístico. Para ele, qualquer situação pressupõe a presença de atores ou interlocutores (os sujeitos sociais), sendo o auditório de um enunciado encetado pela presença de todos os atores sociais envolvidos na situação.

Com isso, seguindo Volochinov/Bakhtin (1926), observamos que a reportagem em discussão configurou a interação social realizada entre o falante (Diogo Escosteguy), o ouvinte (leitor) e o tópico da fala, sendo materializada como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* resultou disso.

No entanto, segundo Rocha Lima (2006, p. 340), gramático tradicional, no exemplo (1), o verbo *morrer* seria intransitivo “encerrando em si a noção predicativa”; assim, dispensaria o complemento *morte*. Por outro lado, na sua concepção, haveria ocasiões em que verbos desta

⁶ Id. p. 73.



natureza passariam a ter o Objeto Direto Interno expresso, por exemplo, nas construções como “Morrer morte santa” (ROCHA LIMA, 2006, p. 248). No que diz respeito a esta situação, o gramático afirma que a informação *morte santa* assumiria a função sintática de Objeto Direto Interno, pois completa o sentido do verbo *morrer*. Para ele, isto é aceitável caso o verbo e o objeto possuam o mesmo radical, sendo o complemento representado por um substantivo seguido de um adjunto, consoante em “Morrer morte santa”⁷.

Algumas vezes, para ele, o Objeto Direto Interno poderia ser representado por uma expressão que, embora não tenha radical igual ao verbo, faça parte do que denominou “mesmo grupo de ideias”⁸, assim como em “Dormir um sono tranquilo”⁹. Aqui, *um sono tranquilo* seria o Objeto Direto Interno, já que é formado pelo substantivo *sono*, seguido do adjunto *tranquilo*. Embora *dormir* e *sono* não tenham o mesmo radical, o complemento é associado semanticamente ao verbo.

Para nós, os verbos denominados por Rocha Lima (2006) como intransitivos são casos de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado nele, não havendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe, assim como aconteceu no exemplo (1). O Objeto Direto Interno comportaria a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, existindo a ocupação material do objeto no plano da sintaxe, assim como ocorre nos dois exemplos analisados por ele (Morrer morte santa e Dormir um sono tranquilo). E esse fenômeno ocorre por questões enunciativas.

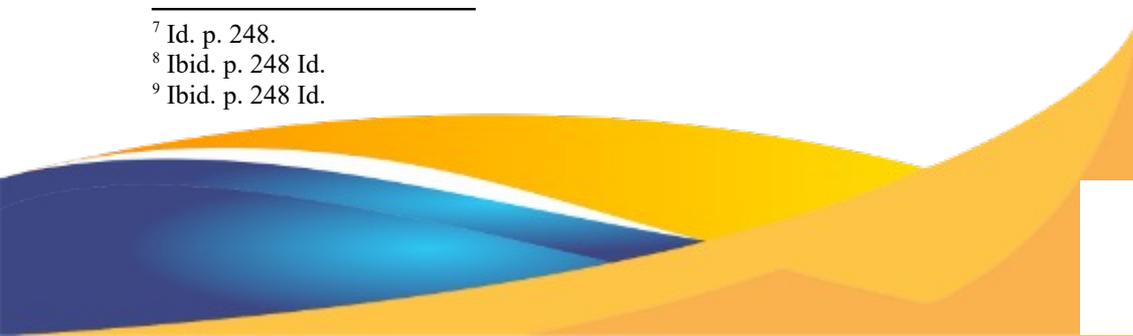
Em outros termos, na nossa concepção, se em enunciados como “Morrer morte santa”, *morte* assumiria a função sintática de Objeto Direto Interno, como o próprio Rocha Lima (2006) registrou, é porque este complemento existe. Todavia, como a pretensão do construto teórico proposto pela GT analisa essencialmente a estrutura linguística, ele só é percebido quando está materializado no plano da sintaxe. Achamos louvável o fato de este complemento ter sido percebido pelo gramático. No entanto, é necessário considerar sua existência também em situações em que ele não esteja materializado linguisticamente no plano da sintaxe, como analisamos no exemplo (1), observando aspectos enunciativos.

4 A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UMA NOVA PROPOSTA PARA O ENSINO GRAMATICAL

⁷ Id. p. 248.

⁸ Ibid. p. 248 Id.

⁹ Ibid. p. 248 Id.





A reportagem *Condenados pela impunidade*, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, em 2013, informa-nos sobre o auxílio-reclusão concedido àqueles que cometeram crimes e estão encarcerados. Segundo as repórteres, “o pagamento do ‘bolsa-bandido’ explodiu nos últimos doze anos e chegou a quase 40.000 famílias; enquanto isso, uma geração de órfãos do crime cresce desassistida no Brasil” (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 87). Envoltas por esta situação, Laura Diniz e Julia Carvalho trouxeram depoimentos de pessoas que tiveram familiares mortos por bandidos em momentos distintos.

Reportando-se à reportagem *Condenados pela impunidade*, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, notamos que os repórteres, ao apreciar o auxílio-reclusão, valoram-no negativamente. Ou melhor, julga o direito que alguns presos adquirem passando a receber este tipo de auxílio como algo bastante prejudicial para a sociedade brasileira. A exemplo, os parentes das vítimas que ficam desassistidos pelo governo neste aspecto sendo, então, *Condenados pela impunidade*. “[...] O debate sobre a violência no Brasil atingiu um grau de insensatez capaz de borrar a distância entre criminosos e vítimas [...]” (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87). Desta maneira, na visão de mundo deles, a discussão sobre violência no nosso país passa a ser observada através de uma distorção de valores, visto que está havendo uma inversão em relação à noção de quem é vítima na ocasião.

Diante deste embate, é questionado sobre quem verdadeiramente é vítima na situação, os parentes do criminoso ou aqueles que tiveram seus entes queridos mortos por ele: “[...] As pessoas que ficam desassistidas quando um parente mata alguém são tão vítimas quanto as que *choram a perda de um pai de família* num assalto? [...]” (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87), conforme verificamos no exemplo (02):

Ex. (02)

[...] As pessoas que ficam desassistidas quando um parente mata alguém são tão vítimas quanto as que *choram a perda de um pai de família* num assalto? Mais: é sensato usar do mesmo grau de compaixão para com um menino de 19 anos morto na frente de casa por causa de usar um celular e um rapaz de 17 anos que atirou contra a sua cabeça mas “não sabia o que estava fazendo?”. O debate sobre a violência no Brasil atingiu um grau de insensatez capaz de borrar a distância entre criminosos e vítimas. [...] (DINIZ, CARVALHO, 2013, p. 87. Grifo nosso)

Esta visão de mundo dos sujeitos enunciadores dialoga com a condição dos que também perderam um parente vítima de marginais. É a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, portanto, surge desta visão de mundo como uma ação responsiva. Em outros termos, a transitividade (*a perda de um pai de família*) do verbo *chorar*.





No ponto de vista dos repórteres, a maior vítima é aquele que chora a morte de um cidadão que tem uma família, atribuindo um valor social positivo quanto a este tipo de pessoa. E um acento valorativo negativo ao marginal, visto como uma pessoa que não deveria ter o direito ao auxílio-reclusão, vendo seus parentes serem assistidos pelo governo por causa do delito cometido. Este tipo de direito é valorado pelos enunciadores como um ato insano, incoerente e sem justificativas. Palavras como *choram, perda, pai, família e assalto*, por serem signos ideológicos, afloram o horizonte axiológico do discurso, os índices sociais de valor dos repórteres e seus sentimentos quanto ao assunto discutido.

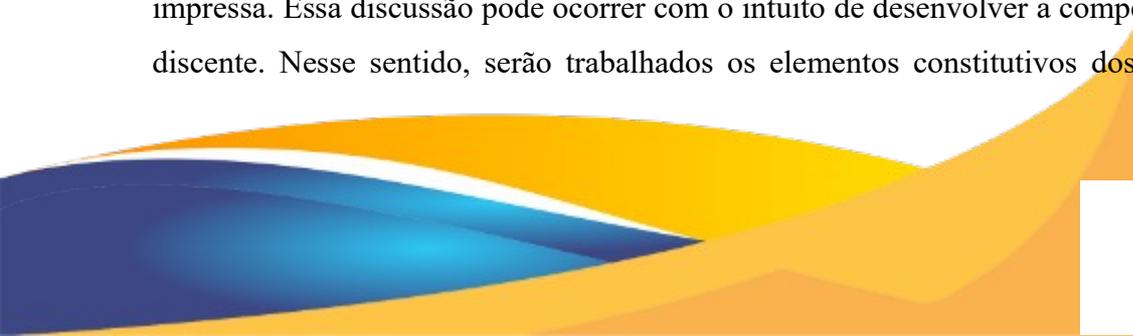
Pelo exposto, notamos que, à luz da discussão gerada neste artigo, o verbo visto como intransitivo pela Gramática Tradicional é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva. Assim, existe nele a união do complemento, não havendo a materialização do objeto no plano da sintaxe. Já o Objeto Direto Interno, por seu turno, é um caso de desaglutinação sintático-semântico-discursiva, ou melhor, o objeto aparece explicitamente no plano da sintaxe. Para nós, isso ocorre por questões enunciativas, sendo notado nas reportagens impressas apresentadas acima.

Desta feita, poderá haver, através de uma proposta didática, , à luz de Maiesky (2005), a discussão da (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva como um novo olhar sobre o estudo da Transitividade Verbal. Sugere-se aqui que o gênero a ser trabalhado seja a reportagem impressa. Para tanto, é necessário elaborar uma proposta didática, buscando trabalhar o conteúdo temático, o estilo e os elementos composicionais, mostrando a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva em algumas dessas reportagens.

5 CONCLUSÃO

A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva é concebida por nós como um processo enunciativo que ora pode ser preenchido materialmente no plano da sintaxe ora pode ser simplesmente ocultado. Desta feita, mostramos um novo olhar sobre a Transitividade Verbal pautado na Análise Dialógica do Discurso. Para tanto, analisamos reportagens impressas publicadas na Revista Veja.

Na nossa concepção, esse conceito de (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva pode ser discutida, através de uma Proposta Didática focando gêneros diversos, entre eles, a reportagem impressa. Essa discussão pode ocorrer com o intuito de desenvolver a competência comunicativa do discente. Nesse sentido, serão trabalhados os elementos constitutivos dos gêneros discursivos, a

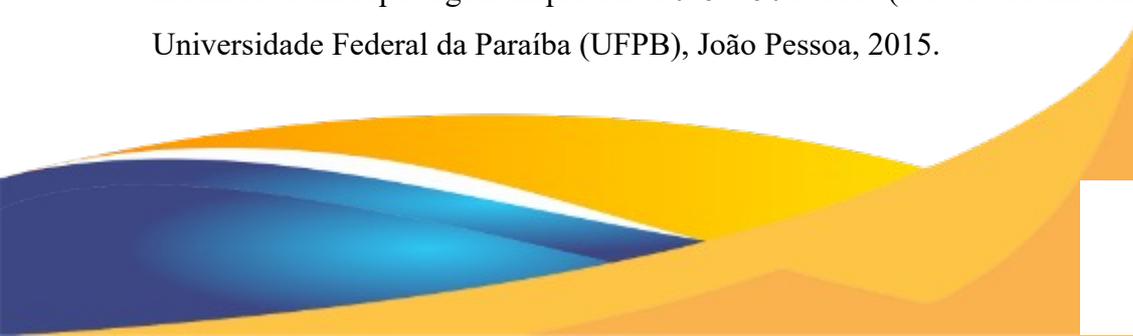




saber: o conteúdo temático, o estilo e os elementos composicionais, discutidos pelo aporte teórico bakhtiniano.

6 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. 1926. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>>. Acesso em: 22 ago. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- CAMARA, J. M. Jr. **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro: Iozon, 1968.
- CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970.
- DIAS, L. F. Enunciação e gramática: o campo de produção de gramática no Brasil contemporâneo. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Une dialogue atlantique**. Paris: ENS Editions, 2006.
- DINIZ, L; CARVALHO, J. Condenados pela impunidade. **Revista Veja**, São Paulo, 29 mai. 2013, p. 86-93.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas/SP: Pontes, 1987.
- ESCOSTEGUY, D. O caos depois do desastre. **Revista Veja**. São Paulo, 27 jan. 2010, p. 66-76.
- MAIESKI, M. N. **O gênero do discurso artigo como objeto de ensino-aprendizagem: uma proposta de integração da prática de produção textual à leitura e à análise linguística**. Florianópolis, 2005. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- NÓBREGA, F. **A aglutinação sintática discursiva: diálogos com Bakhtin**. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- NÓBREGA-SILVA, F. **Repensando a transitividade verbal: um olhar enunciativo**. João Pessoa: Ideia, 2016.
- _____. **A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um enfoque enunciativo do verbo intransitivo em reportagens impressas**. 2015. 450 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2015.





RIBEIRO, M. G. C. **Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em –mente em interações orais dialogadas.** 2003. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

